

Apresentação da exposição individual Desenhos Galeria de Arte Encontro, Brasília, 1968

Ítalo Campofiorito

“L’artiste ne traduit pas, il invente. Nous sommes
dans le domaine des réalités imaginaires”.
(Pierre Francastel)

Todo o equívoco que envolve a compreensão da arte contemporânea nasce dos preconceitos morais e do profundo complexo de culpa com que se combateu e depois defendeu a primeira revolução industrial, desde o apelo aos artesanatos do passado, até a pregação de uma arte puramente industrial. Um século depois, o problema continua de pé. A solução preponderante – isto é, a transformação da arte manual em projeto industrial –, apesar de suas verdades inegáveis, ficou sobretudo como uma resposta teórica e parcial. Algumas das obras de arte mais revolucionárias de nosso tempo foram mesmo feitas à mão e por um só artista. O período de ruptura já demora mais do que se esperava. Uma objetividade total (que prescindisse do homem, criador de formas) nunca foi, evidentemente, alcançada. É fácil achar a alma subjacente até aos trabalhos de Malevich ou Mondrian. Graças à aceleração crescente do tempo histórico e aos novos meios de comunicação, num mundo cada vez mais reduzido a uma só cidade cultural, foi, pelo contrário, a subjetividade da inovação compulsória segundo os sistemas da moda que assomou ao primeiro plano. E o valor estético continuou a ser objeto da reflexão crítica e da antropologia cultural. Os novos domínios da ação sobre a matéria, as novas distâncias e velocidades, as novas imagens cósmicas e microscópicas transparecem no múltiplo e emocionante tatear dos artistas que elaboram, cada um a sua maneira, a mutação figurativa indispensável à Nova Visão.

É pondo de lado os preconceitos morais, técnicos ou figurativos que acompanham todo movimento artístico que se pode pensar seriamente em ver e avaliar uma obra de arte contemporânea. Penso nos desenhos de Athos Bulcão como um excelente exemplo. A sua técnica de desenhista, traços e tramas, lacunas e cheios, tudo o que constitui o vocabulário básico da sua linguagem gráfica é aqui utilizado para suscitar um espaço reinventado, visão surpreendente de um mundo interior fantástico e perturbador. Como se tudo surgisse por meio (consciente) das formas de um mar interno, cuja topologia insondável contivesse significados e conteúdos subconscientes, sistemas de vida incontáveis e latentes à espera de corpo. Se fosse possível dar um nome geral a estes desenhos, eu gostaria de chamá-los: aparições. A ideia curiosa de que a arte, condenada à vanguarda, tem que ser feita na véspera, e superada no dia seguinte, só pode aumentar a nossa estima e a nossa surpresa diante daqueles que, como Athos Bulcão, trazem no seu trabalho solitário uma visão transfigurada da vida e de certos valores sentimentais necessários à compreensão e à construção do nosso mundo.